

Exposições Curriculares: experiências no curso de Museologia da Universidade Federal da Bahia

Curricular training: experiences Museology's course da Universidade Federal da Bahia

Luciana Messeder Ballardo¹
DOI 10.26512/museologia.v12i23.45577

95

REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Resumo

Quais critérios devem direcionar os projetos de exposições curriculares visando, como resultado, contribuir para a formação profissional em Museologia? O propósito deste texto é apontar esses critérios à medida que compartilha a experiência de exposições curriculares criadas no curso de Museologia da FFCH/UFBA nos períodos entre o segundo semestre de 2006 e o primeiro de 2008 e entre 2016 e 2017. A metodologia aplicada foi qualitativa, de natureza aplicada, com objetivos exploratórios e procedimento experimental. Como resultado, destacam-se dois pontos comuns a todas as exposições: o impacto de realizar uma exposição em uma instituição museológica na vida profissional dos(as) estudantes e a capacidade de adaptação e criatividade para enfrentar a escassez de recursos, tão comum na realização de projetos expográficos nos museus da cidade de Salvador, BA.

Palavras-chave

Museologia; exposições curriculares; projetos expográficos; museus. Universidade Federal da Bahia.

Abstract

Which criteria should guide the curricular projects of exhibitions in order to have as a result contribution for professional training in Museology? The purpose of this paper is to point out these criteria as it shares experiences of curricular exhibitions created in the Museology course at FFCH/UFBA in the periods between the second semester from 2006 to the first semester of 2008 and between 2016 and 2017. The methodology applied is qualitative, applied in nature and qualitative in form, with exploratory objectives and an experimental procedure. As a result, two points stands out in all exhibitions: the impact of having an exhibition presented in a museum institution on the professional life of these students and the ability to adapt and creativity to face low resources so common in the realization of expographic projects in museums of the city.

Keywords

Museology; curricular exhibitions; expographic projects; museums. Federal University of Bahia.

Introdução

Em 1999, três jovens estudantes da graduação em Museologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia (FFCH/UFBA) matriculados na disciplina Museografia II (componente curricular obrigatório que apresentava conteúdo relativo a exposições museológicas) decidiram ir além da escrita do projeto expográfico para avaliação curricular e executaram a proposta, elaborando uma exposição com tema sobre o movimento cultural conhecido como Tropicalismo.

A exposição seria de caráter temporário em um shopping no centro da cidade de Salvador, mas seu sucesso fez com que, posteriormente, se tornasse

¹ Docente do Departamento de Museologia da Universidade Federal da Bahia. Doutora em Museologia e Patrimônio (MAST/UNIRIO). Pesquisadora colaboradora associada ao Núcleo Multidimensional de Gestão do Patrimônio e de Documentação em Museus (NUGEP/UNIRIO). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2005-524X> E-mail: lmb@ufba.br

Exposições Curriculares:
experiências no curso de Museologia da Universidade Federal da Bahia

itinerante e fosse levada para o Museu Eugênio Teixeira Leal. O título escolhido foi *Panis et Circences*, inspirado no álbum *Tropicalia ou Panis et Circensis*, do movimento tropicalista, do qual participaram, entre outros, Caetano Veloso, Os Mutantes e Tom Zé.

Panis et Circences trouxe uma perspectiva temporal do contexto anterior ao movimento – o AI5 e o regime militar no Brasil – apresentou o tropicalismo e explicou sua repercussão no cenário artístico até o final da década de 1990.

Figura 1 –Visão geral da exposição museológica “Panis et Circences”



Fonte:Acervo pessoal da autora (1999).

Foi um aprendizado marcante na vida dessas três pessoas, o qual impulsionaria uma das discentes – esta autora – a compartilhar a experiência com os (as) seus (suas) próprios(as) discentes, após se tornar docente do Departamento de Museologia da FFCH/UFBA entre os anos de 2006 e 2008, como professora substituta, e a partir de 2016, como parte do quadro permanente.

Tal interesse suscitou a pergunta: quais critérios devem direcionar os projetos de exposições curriculares visando, como resultado, contribuir para a formação profissional em Museologia? O propósito deste texto é apontar esses critérios à medida que compartilha a experiência de exposições curriculares criadas no curso de Museologia da FFCH/UFBA nos períodos entre o segundo semestre de 2006 e o primeiro de 2008 e entre 2016 e 2017.

Dois aspectos mostraram-se relevantes: a utilização de espaços museológicos permitiria aos (às) discentes a oportunidade de uma experiência mais completa a partir da interação do público com a exposição, de forma que poderiam ser montadas exposições temporárias ou itinerantes que possibilitassem essa experimentação; e o uso de recursos limitados, da própria instituição ou de material reciclado e de baixo custo para a criação da exposição possibilitaria aos (às) estudantes uma compreensão das dificuldades e desafios que profissionais da área vivenciam.

O objetivo deste texto é apresentar os direcionamentos do projeto expositivo curricular com o propósito de fornecer subsídios para o desenvolvimento profissional em Museologia na principal área de comunicação museológica: a exposição. Para isso, foram analisados os processos de construção das exposições elaboradas pelos(as) discentes nos dois recortes temporais apontados anteriormente.

A metodologia aplicada foi qualitativa, de natureza aplicada, com objetivos exploratórios e procedimento experimental. A proposta era a de que os (as) estudantes organizassem diferentes experiências expográficas. Para isso, as turmas foram divididas em equipes a cada semestre (no primeiro recorte temporal) e a cada ano (no segundo recorte). Foram promovidas, em média, três exposições por semestre, em museus de Salvador ou em outros espaços abertos à possibilidade de abrigar exposições museológicas a partir de parcerias que a docente estabeleceu – ou, em alguns casos, os (as) discentes estabeleceram – com as gestões desses espaços.

Contextos e Conteúdo

As palavras de Scheiner (1991:109) ecoavam nos ouvidos daquela jovem estudante quase dez anos depois de terem sido escritas:

O que é uma exposição? É o principal veículo de comunicação dos museus com a sociedade, a atividade que caracteriza e legitima o museu como tal. Sem as exposições, os museus poderiam ser coleções de estudo, centros de documentação, arquivos, poderiam ser também eficientes reservas técnicas, centros de pesquisa ou laboratórios de conservação; poderiam ser, ainda, centros educativos cheios de recursos – mas não museus.

Mesmo antes da carreira docente, essas palavras lhe soavam como algo fascinante, algo que instigaria boa parte de sua carreira técnica após a formatura, junto com a documentação museológica.

As reflexões contínuas sobre exposições museológicas levaram à busca de referências e conhecimentos que permitiram concluir que a exposição é mais do que um veículo de comunicação dos museus: se, por um lado, é essencial para configurar um museu como tal, por outro, é parte da comunicação museológica, que não está restrita ao espaço do museu. A exposição museológica pode acontecer dentro de um shopping – como foi o caso da *Panis et Circences* –, em uma escola, uma biblioteca ou um centro cultural. O importante é que siga os métodos teóricos metodológicos próprios da Museologia para a elaboração e execução do discurso expositivo.

Veio, então, a descoberta de que o museu precisa da exposição museológica para se configurar como tal, mas a exposição museológica não precisa do museu para ser o que é: a principal forma de comunicação no âmbito da Museologia.

Essas descobertas e o contato com conceitos de Cury (2005) sobre expologia, expografia, musealização, museologia e a exposição museológica como algo que se completa apenas quando há o encontro com o público alimentaram a ansiedade da jovem estudante por compartilhar os conhecimentos que borbulhavam em seu cérebro, assim como suas experiências profissionais. Foi com esse pano de fundo que iniciou os primeiros anos da carreira docente, em meados dos anos 2000.

No período do segundo semestre de 2006 ao primeiro de 2008, no curso de Museologia da FFCH/UFBA, o componente curricular que tratava do conteúdo relacionado a exposições museológicas era designado como Museografia - II (FCH341), com carga horária de 90 horas semestrais (6 horas semanais). Naquele momento, com pouco mais de três anos de bacharelado concluído, atuando como docente substituta, e com a oportunidade de ensinar nessa área da Museologia, que foi sua primeira paixão, a percepção da, agora, docente, foi de abordar os conteúdos teóricos e proporcionar o aprendizado prático com a execução dos projetos expositivos.

Antes do início de cada semestre, a docente realizava um contato inicial com instituições museológicas de Salvador com as quais já havia desenvolvido parcerias anteriores, com uma proposta temática para a solicitação de pauta do espaço de exposições temporárias do museu. Alguns parceiros foram frequentes nesse período: o Museu de Arte Sacra da UFBA e o Museu Frei Germano Citeroni, por exemplo, receberam exposições em três semestres.

Foram quatro semestres à frente do componente curricular. As turmas eram divididas em grupos, que deveriam elaborar um projeto expográfico e executá-lo. O conteúdo teórico abordava o conceito de exposições museológicas, com base em obras como Menezes (1993), Cury (2005) e Scheiner (1991); o método, a partir de referências como Hernández (1998), Almeida (2005) e Belcher (1997); e os recursos expográficos, tais como mobiliário, iluminação, textos, cor, entre outros, fundamentados em Crespo Filho (2005), Mineiro (2004), Mestre (2005) e *Museums and Galleries Commission* (2001).

Após as discussões e apresentações desses conteúdos, eram realizadas visitas técnicas em exposições museológicas para a elaboração de um relatório técnico com o objetivo de avaliar a fixação dos conteúdos utilizados em sala. Por fim, os projetos eram elaborados e executados. A montagem das exposições acontecia nas salas temporárias dos museus parceiros.

Em 2016, quando a docente retornou à UFBA como parte do quadro permanente, a configuração do conteúdo relacionado à expografia já era outra – fora modificada na reforma curricular de 2011. Desde então, os conteúdos passaram a ser distribuídos em Exposição Museológica (FCHG46), com carga horária de 68 horas no semestre (4 horas semanais), e Laboratório de Expografia (FCHG47), com carga horária de 51 horas no semestre (3 horas semanais).

Em Exposição Museológica, ministrada no primeiro semestre do ano, são apresentados os conteúdos teóricos, metodológicos e alguns recursos expositivos, com bibliografias mais recentes como Scheiner (2006); Chelini (2008); Magalhães, Bezerra e Benchetrit (2010); Gob (2019); Matos, Reis e Ballardo (2017); e Fernández e Fernández (2014). Aborda-se, também, a elaboração e o desenvolvimento do projeto expográfico, e realizam-se visitas técnicas em exposições museológicas com o propósito de avaliar o repertório que os (as) estudantes adquiriram no componente.

Na disciplina Laboratório de Expografia, ministrada no segundo semestre, são apresentados outros recursos expográficos e atividades práticas. Nos anos de 2016 e 2017, esses recursos e atividades foram utilizados para a execução dos projetos expositivos elaborados no semestre anterior. No total, foram cinco exposições: três no primeiro ano e duas no segundo. Nessa época, a principal parceria estabelecida foi com o Museu Eugênio Teixeira Leal, que recebeu duas das exposições.

Experiências Curriculares

Este tópico apresenta as exposições curriculares elaboradas e executadas entre 2006-2008 e 2016-2017. A Tabela 1 exibe a quantidade de estudantes por grupo e a quantidade de exposições em cada período.

Tabela 1 – Distribuição das exposições montadas nos períodos em que os componentes curriculares relacionados às exposições museológicas estavam sob responsabilidade da docente/autora.

Período	Quantidade de estudantes por Grupo	Quantidade de Exposições
2006.2	4	3
2007.1	2	1
2007.2	7	5
2008.1	5	2
2016.1/2016.2	4	3
2017.1/2017.2	4 e 6	2

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

As três exposições montadas em 2006.2 foram: “Nascimento, Vida e Morte de Jesus Cristo”, “Nossa Senhora da Conceição: Devoção e Fé” – realizadas, respectivamente, nos museus sacros Museu Frei Germano Citeroni e Museu de Arte Sacra da UFBA – e “O cair do véu: manifestações folclóricas da dança do ventre”, realizada no museu Eugênio Teixeira Leal.

Nas exposições de temática sacra, as instituições disponibilizaram objetos museológicos do acervo para a construção do discurso. No Museu Frei Germano, todas as salas foram disponibilizadas e o mobiliário também. Os textos setoriais foram impressos em vergê A4 e forrados com folha de transparência, simulando a proteção do acrílico. O painel título foi um banner impresso em lona com bastão, e a ficha técnica foi impressa em papel comum e aplicada em papel couro colocado na parede.

A exposição realizada no Museu de Arte Sacra, que cedeu sua sala de exposições temporárias, contou com alguns objetos museológicos do próprio museu e painéis em papel couro com aplicação de papel sulfite, tamanho 1,0 m x 0,8 m, em que foram impressos textos na cor azul. Fotos coloridas foram impressas em tamanho A4 e aplicadas com cola nesses painéis.

A exposição no Museu Eugênio teve uma dinâmica diferente, a começar pelo espaço cedido, que foi o hall de entrada da sala de exposição temporária, no térreo. O grupo precisou pensar sobre o tema e o discurso, adaptando a exposição ao espaço restrito e de desenho ímpar, conforme pode ser visualizado na Figura 2.

Exposições Curriculares:
experiências no curso de Museologia da Universidade Federal da Bahia

Figura 2 – Grupo que elaborou e montou a exposição “O cair do véu: manifestações folclóricas da dança do ventre”. Da esquerda para a direita: Marina Rodrigues, Renata Rosa, Antônio Varjão e Grace Moreira.



Fonte: Acervo pessoal da autora (2006).

Os(as) estudantes contaram com a ajuda de um fotógrafo amador e de dançarinas e aprendizes de dança do ventre para as fotos que usaram na exposição. Visto que não havia objetos ligados à temática a serem cedidos pela instituição, obtiveram, emprestados, objetos dessas dançarinas e um manequim. Dois pedestais foram disponibilizados pelo próprio museu para a apresentação de alguns objetos. Quanto aos painéis, foram aplicadas imagens impressas em papel couchê A3 e textos impressos em A4 no papelão couro, usado para simular painéis em madeira.

Em 2007.1, apenas uma exposição curricular foi planejada: “Santo Antônio – caminhos de Lisboa a Salvador”, realizada no Museu Frei Germano Citeroni, a qual apresentou um discurso sobre a história de Santo Antônio e sua chegada de Portugal à capital baiana, abordando a influência do culto na sociedade soteropolitana.

Figura 3 – Abertura da exposição “Santo Antônio: caminhos de Lisboa a Salvador”. Ao fundo, o diretor do Museu Frei Germano Citeroni, Frei Ulisses.



Fonte: Acervo pessoal da autora (2007).

A exposição usou o mobiliário expográfico do museu, peças do seu próprio acervo, além de esculturas do acervo da diretora da FFCH à época, a professora Lina Aras. Houve, também, o empréstimo de uma escultura de Santo Antônio, cedida pela própria Faculdade.

Como visto na Figura 3, as estudantes criaram um altar popular (ao fundo e à esquerda) e fizeram um painel impresso em papel sulfite com moldura de papel laminado (na parede ao fundo) e textos setoriais impressos em papel vergê (nas duas paredes em primeiro plano). Também houve a elaboração de um painel título em banner impresso em papel presentation com bastão.

Em 2007.2, foram cinco exposições: “O Tear Poético”, montada no Museu de Arte Sacra da UFBA; “Serra da Capivara: arte e mistérios da pré-história americana”, no Instituto Visconde de Mauá; “Salvador Negro”, na Sociedade Protetora dos Desvalidos; “Aspectos sociais sob o olhar de Glauber”, na Faculdade Hélio Rocha; e “As ganhadeiras de Itapuã: música, samba e memória”, na Biblioteca Central do Estado da Bahia.

“O Tear poético” apresentou o trabalho do artista plástico Rubico, com sua arte em tapeçaria. As obras do acervo pessoal do artista foram dispostas nas paredes do espaço de exposições temporárias do Museu de Arte Sacra. Enquanto recurso expositivo, a exposição utilizou banner com bastão em papel presentation e textos impressos em papel cuchê – A4 para textos setoriais e A3 para Ficha Técnica – aplicados diretamente na parede.

“Serra da Capivara: arte e mistérios da pré-história americana” apresentou os resultados da pesquisa que a equipe fez in locu no sítio arqueológico. Contou com imagens e textos sobre os grafismos, utilizando painéis de madeira confeccionados pela equipe, papel duplex de diversas cores – cujo design foi cunhado com estilete –, papel vergê para os textos e plástico adesivo para forrar os painéis.

“Salvador Negro” adotou vários recursos: painéis feitos de tecidos com letras costuradas, espelhos como suporte textual, painéis conjugados em cortiça como suporte para recursos expositivos, imagens fotográficas impressas em papel glossy e molduras de espelhos para participação dos visitantes. Os tecidos também foram utilizados para dividir os espaços e direcionar o circuito expositivo.

“Aspectos sociais sob o olhar de Glauber” trouxe painéis feitos em papel duplex, com fotos e textos impressos em papel vergê. Além disso, exibiu recursos expográficos como uma rede de pesca e esculturas que faziam referência à obra de Glauber Rocha, as quais foram apresentadas em pedestais cedidos pela Faculdade Hélio Rocha.

“As ganhadeiras de Itapuã: música, samba e memória” apresentou a história de um dos grupos mais tradicionais de cultura popular de Salvador e contou com um espetáculo de abertura das ganhadeiras na praça central da biblioteca (Figura 4). A exposição utilizou as estruturas de painéis em alumínio e acrílico da instituição, os quais foram montados com tecidos de chita, com textos impressos em papel vergê A3 e fotos do arquivo pessoal das ganhadeiras. Um manequim disponibilizado por empréstimo foi caracterizado com a indumentária das ganhadeiras e colocado ao lado de encenações de alimentos que eram comercializados por essas figuras (Figura 4).

Exposições Curriculares:
experiências no curso de Museologia da Universidade Federal da Bahia

Figura 4 – Abertura da exposição com apresentação do grupo As Ganhadeiras de Itapuã, à esquerda. Parte da exposição com painel, manequim caracterizado e tabuleiro, à direita.



Fonte: Acervo pessoal da autora (2007).

Esse foi um semestre muito peculiar, pois quatro das exposições não foram executadas em instituições museológicas. Houve uma inquietação dos(as) estudantes por buscar contatos que possibilitassem apoio de entidades e de particulares para conseguir outros espaços para as exposições, uma compreensão de que a comunicação museológica pode se estabelecer nos mais diversos locais.

Em 2008.I as exposições “Devoção Mariana: 25 anos de província capuchinha na Bahia e Sergipe” e “Entre Paisagens e Abstrações: exposição de mosaicos de Nanja” foram montadas no Museu Frei Germano Citeroni e no Museu de Arte Sacra da UFBA, respectivamente.

A primeira utilizou os objetos museológicos disponíveis no museu Frei Germano, que cedeu todas as salas, assim como o mobiliário para expor os objetos. Os textos setoriais foram impressos em papel vergê A4 e os painéis título e a ficha técnica em banner com bastão em papel presentation de 1,0 m x 0,8 m.

A segunda exposição utilizou o acervo da própria artista, Nanja, que cedeu seus mosaicos. A exposição contou com um tratamento de iluminação direcionada para valorizar as obras disponibilizado pelo museu de Arte Sacra e textos impressos aplicados em adesivo transparente diretamente na parede, utilizando a sala de exposições temporárias da instituição, conforme pode ser visto na Figura 5.

Figura 5 – Abertura da exposição “Entre Paisagens e Abstrações: exposição de mosaicos de Nanja”, no museu se Arte Sacra da UFBA.



Fonte: Acervo pessoal da autora (2008).

Nesse mesmo semestre, uma das discentes que participou da equipe da exposição “O cair do véu” em 2006.2, Grace Moreira, decidiu elaborar uma exposição curricular como trabalho final do componente Estágio Supervisionado. A instituição parceira foi o Museu Eugênio Teixeira Leal. Posteriormente, o sucesso da exposição, intitulada “Elevador Lacerda – Salvador – Bahia”, tornou-a itinerante, com remontagem na Biblioteca Central do Estado da Bahia.

Utilizou-se papel *presentation* aplicado em papel couro, em tamanho 1,0 m x 0,80 m, simulando cartões-postais, com o propósito de apresentar a história da construção do Elevador Lacerda – o texto foi escrito com uma poética de quem enviava postais para pessoas queridas.

A pesquisa para a exposição foi realizada no Arquivo Público do Estado e a discente elaborou a arte em um editor de imagens e programa de desenho gráfico. Na biblioteca, foram cedidas estruturas de alumínio para os painéis, que foram pendurados com fio de nylon. A simulação de cartões-postais incluiu o selo.

Figura 6 – Exposição “Elevador Lacerda – Salvador – Bahia” no segundo andar da Biblioteca Central do Estado da Bahia.



Fonte: Acervo pessoal da autora (2008).

Em 2016, uma discente formanda, que estava finalizando o curso pela matriz curricular anterior à estabelecida em 2011, também decidiu apresentar seu trabalho final na disciplina Estágio Supervisionado com uma exposição curricular. Laise Xavier executou a arte de crochê que foi utilizada na exposição, criou o conceito, elaborou o projeto expositivo e o discurso museológico e montou a exposição a céu aberto no Jardim do Palacete das Artes – Parque do Passeio Público. “Yarn bombing – intervenção urbana com crochê” contou a história desse tipo de intervenção urbana, utilizando painéis e banners em lona com bastão tamanho A3 (Figura 7).

A exposição, que foi inaugurada em outubro de 2016, fez bastante sucesso e foi promovida pelos meios de comunicação impressos e audiovisuais, o

Exposições Curriculares:
experiências no curso de Museologia da Universidade Federal da Bahia

que possibilitou o contato com outro espaço, o Museu Geológico da Bahia, que cedeu o espaço dos seus jardins.

Figura 7 – Exposição “Yarn bombing – intervenção urbana com crochê” no Parque Passeio Público, espaço sob gestão do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural (IPAC) do Estado da Bahia.



Fonte: Acervo pessoal da autora (2016).

No ano de 2016, foram maturadas, em dois semestres, três exposições curriculares, inauguradas no mês de abril de 2017: “Outro dia no paraíso”, no Museu Eugênio Teixeira Leal; “Por que não podemos viver juntos?”, no Museu Afro-Brasileiro da UFBA; e “Planeta Terra: como posso te ajudar?”, no Museu Geológico da Bahia.

“Outro dia no paraíso”, que constituiu um discurso expositivo para refletir sobre questões sociais e econômicas, trouxe obras de arte contemporâneas – emprestadas para a equipe por estudantes e artistas graduados, associados aos cursos da Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia – e uma ambientação feita pelo próprio grupo, utilizando textos impressos em vergê, inclusive, o texto do painel de abertura, que foi acomodado em um painel acrílico cedido pelo museu.

“Por que não podemos viver juntos?” usou objetos museológicos da instituição, imagens e textos impressos em papel presentation e uma TV como recursos expositivos. A exposição, que abordou o respeito às diferenças religiosas e culturais, utilizou as duas salas de exposição temporária do museu.

“Planeta Terra: como posso te ajudar?” foi montada no salão de rochas ornamentais do Museu Geológico do Estado da Bahia para um público-alvo infantil, com textos impressos em papel presentation em forma de balões de fala de revistas em quadrinhos. Os painéis de madeira foram cedidos pela instituição e forrados com TNT (Figura 8). Cada núcleo expositivo tratava de um tipo de poluição: do ar, da água e da terra, com personagens que contavam os efeitos dos abusos que o ser humano pratica com o meio ambiente. O discurso, de teor educativo, apresentava maneiras de evitar alguns costumes que contribuem para a poluição do planeta.

Figura 8 – Abertura da exposição “Por que não podemos viver juntos?” no Museu Geológico da Bahia. Membros da equipe, da esquerda para a direita: Silvana Castro, Edmara Maurício, Dilma Costa e Celeste Melo.



Fonte: Acervo pessoal da autora (2017).

Finalmente, os dois últimos projetos de exposições curriculares ocorreram no ano de 2017, com abertura das exposições em janeiro de 2018, devido ao atraso do calendário acadêmico: “Vatapá: sabores e valores”, no Museu Eugênio Teixeira Leal, e “Farinhada”, no Museu de Arqueologia e Etnologia da UFBA.

A primeira valeu-se de painéis articulados da instituição, que foram forrados com papel *kraft* e utilizados para colocar os textos e imagens. Além disso, materiais reciclados, como discos de vinil que abordavam o tema, foram pendurados com fio de nylon. As gavetas, forradas com tecido de chita, continham potes com os ingredientes presentes na receita do vatapá (Figura 9).

Figura 9 – Exposição “Vatapá: sabores e valores” na sala de exposição temporária do Museu Eugênio Teixeira Leal.

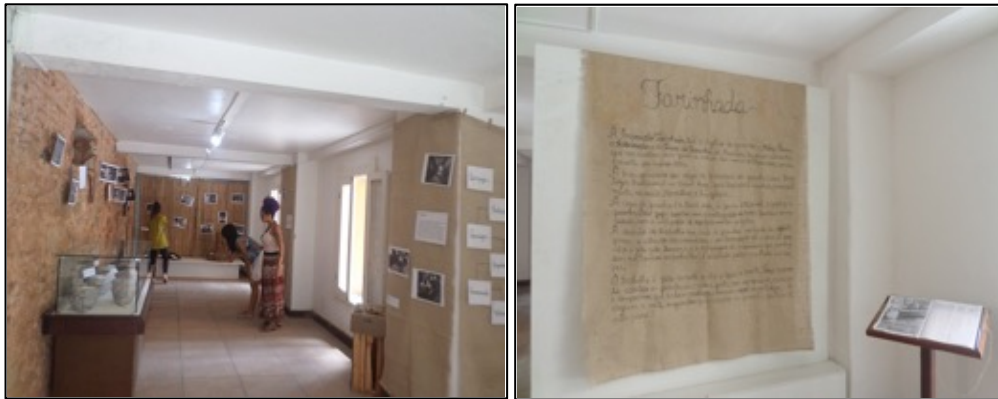


Fonte: Acervo pessoal da autora (2018).

A exposição “Farinhada” narra o processo de fabricação da farinha. Parte do mobiliário era reciclado, com exceção de uma vitrina horizontal emprestada pelo museu, e os painéis foram feitos com esteira de palha e tecido de juta. Os textos dos painéis de abertura e da ficha técnica foram escritos à mão por uma das integrantes da equipe. A exposição foi apresentada na sala de exposições temporária do museu e permaneceu aberta um mês além do prazo em que deveria ter sido retirada (Figura 10).

Exposições Curriculares:
experiências no curso de Museologia da Universidade Federal da Bahia

Figura 10 – Exposição “Farinhada” na sala de exposição temporária do Museu de Arqueologia e Etnologia da UFBA.



Fonte: Acervo pessoal da autora (2018).

Pôde-se perceber, nas exposições curriculares elaboradas, que a ausência de recursos fazia com que a criatividade florescesse. Os integrantes das equipes fizeram painéis em papelão couro fixados com fio de nylon; solicitaram o empréstimo de manequins em lojas; utilizaram folhas de transparência para simular estruturas de acrílico em que eram fixadas etiquetas e textos setoriais – estes, também apresentados em papel vergê. Algumas ambientações foram feitas com papel *kraft*, TNT, tecidos de algodão. Em outros trabalhos, foram utilizados materiais reciclados, incluindo gavetas e estruturas de madeira para substituir mobiliários expográficos. Os recursos eram escassos, mas as exposições foram bem-sucedidas em suas propostas.

Considerações Finais

Nos dois períodos, a experiência de estar em um museu, de pensar a exposição como algo que se completa apenas quando ocorre a interação com o público e de utilizar recursos limitados, buscando por materiais que pudessem ser reaproveitados com baixo custo, fez com que os (as) estudantes sentissem a sensação de “estrela” nesse trabalho, ainda que não profissionalmente, mas de maneira suficiente para que saíssem com uma pequena bagagem para a vida profissional nos últimos semestres, próximos da formatura.

Todas as exposições museológicas passaram pelo processo de concepção, planejamento, programação, montagem e desmontagem (SCHEINER, 2006). Isso ajudou os (as) discentes a compreenderem as etapas e o processo de construção de uma exposição no âmbito da Museologia e a entenderem que se trata de um tipo de comunicação específica, diferente de qualquer outra.

As aberturas de exposições em espaços museológicos proporcionaram uma emoção única, em que os (as) estudantes puderam experimentar a realização das exposições em contato com o público e perceber as reações que elas causaram. Afinal, a comunicação da exposição só está completa quando em contato com seu público.

Estar nos museus em exposições direcionadas para um público-alvo e ver os resultados é diferente de estar em uma sala cedida dentro de um centro de ensino, pois atende à perspectiva de pensar outros públicos que não apenas o da própria academia. Além disso, essas exposições servem de vitrine para profissionais que estão prestes a se graduar, tanto aqueles do próprio museu

em que a exposição foi executada, quanto colegas que trabalham no mesmo circuito de museus.

O processo de construção, o cansaço, a correria, as dificuldades e barreiras que se estabeleceram em cada etapa e as adaptações realizadas são processos que não podem ser oferecidos apenas em sala de aula. Precisam ser vivenciados para fazer parte da bagagem de conhecimento que os (as) estudantes vão carregar para a vida profissional.

Outro aspecto presente em todas as exposições foi o fato de que elas, propositalmente, não contavam com orçamento. A ideia era simular as dificuldades que os (as) profissionais enfrentam em seus espaços laborais. Isso fez com que os (as) estudantes buscassem contato com outras instituições museológicas, profissionais da área, amigos e profissionais de outras áreas, entidades comerciais, entre outros que pudessem colaborar com o projeto. Formaram, assim, toda uma rede de contatos para executarem seus projetos. No âmbito material, recorreram até à reciclagem, o que fomentou a criatividade na montagem das exposições.

Essa experiência apresentou muitos percalços. Orientar grupos de pessoas com personalidades diferentes e perspectivas muito distintas de como elaborar um projeto na realização de um mesmo objetivo não foi algo fácil. Requisitou tempo, energia e abnegação em diversos momentos, mas trouxe resultados satisfatórios e a sensação de dever cumprido.

Por fim, o trabalho deu frutos e as sementes foram lançadas por Salvador. Algumas delas se tornaram coordenadores(as) de museus, profissionais qualificados(as) em instituições, apaixonados(as) pela expografia, que, hoje, oferecem os espaços em que atuam para os(as) graduandos(as) terem as suas próprias experiências, agora não mais em um componente curricular, mas em projetos de extensão de exposições temporárias – como o projeto-piloto de 2021/2022, promovido por esta autora e uma instituição parceira na cidade, mas isso é um conteúdo a ser explorado no futuro.

Referências

ALMEIDA, Adriana Mortara. O Contexto do visitante na experiência museal: semelhanças e diferenças entre museus de ciências e de arte. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz, v. 12 (suppl.), p. 31-53, 2005.

BELCHER, Michael. *Organización y diseño de exposiciones: su relación con el museo*. Gijón, ESP: Ediciones Trea, 1997.

CHELINI, Maria-Júlia Estefânia; LOPES, Sônia Godoy Bueno de Carvalho. Exposições em museus de ciências: reflexões e critérios para análise. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo: Nova Série, v. 16, n. 2, p. 205-238, 2008.

CRESCO FILHO, Jayme Moreira. *Preservação e Difusão do Patrimônio Cultural do Exército Brasileiro*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2005.

CURY, Marília Xavier. *Exposição: concepção, montagem e avaliação*. São Paulo: Annablume, 2005.

FERNÁNDEZ, Luis Alonso; FERNÁNDEZ, Isabel Garcia. *Diseño de exposiciones*:

Exposições Curriculares:
experiências no curso de Museologia da Universidade Federal da Bahia

concepto, instalación y montaje. Madrid, ESP: Alianza Editorial, 2014.

GOB, André; DROUGUET, Noémie. A exposição: a função de apresentação. In: GOB, André; DROUGUET, Noémie. *A museologia: história, evolução, questões atuais*. Tradução: Dora Rocha e Carlos Alberto Monjardim. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2019. p. 137-149.

GRANATO, Marcus; SANTOS, Claudia Penha dos (org.). *Discutindo exposições: conceito, construção e avaliação*. 120p. Rio de Janeiro: MAST, 2006.

HERNÁNDEZ, Francisca. *El museo como espacio de comunicación*. Gijón, ESP: Ediciones Trea, 1998.

MAGALHÃES, Aline Montenegro; BEZERRA, Rafael Zamorano; BENCHETRIT, Sarah Fassa (org.). *Museus e comunicação: exposições como objeto de estudo*. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2010.

MATOS, Angela Cristina Ferreira de; REIS, Elizandra Pinheiro dos; BALLARDO, Luciana Messeder. *Energia dos cristais: requalificação expográfica no Museu Geológico da Bahia*. Mouseion. Canoas, RS: UnilaSalle Editora, n. 27, p. 115-125, 2017.

MENESES, Ulpiano Bezerra Toledo de. A Exposição Museológica: reflexões sobre pontos críticos na prática contemporânea. *Ciências em Museus*. Belém, PA: v. 4, p. 103-120, 1992.

MESTRE, Joan Santacana. ANTOLÍ, Núria Serrat (coord.). *Museografia Didáctica*. Barcelona: Editora Ariel, 2005.

MINEIRO, Clara (coord.). *Museus e Acessibilidade*. Lisboa: Instituto Português de Museus, 2004.

MUSEUMS AND GALLERIES COMMISSION. *Planejamento de Exposições*. Tradução: Maria Luiza Pacheco Fernandes. São Paulo: Edusp: Vitae, 2001.

SCHEINER, Tereza Cristina Moletta. Criando Realidades Através de Exposições. *Mast Colloquia*, Rio de Janeiro, v. 8, p. 7-37, 2006.

SCHEINER, Tereza Cristina Moletta. Museus e exposições: Apontamentos para uma teoria do sentir. *ICOFOM Study Series*. Vevey, Suíça: ICOM, v. 19, p. 109-113, 1991.

Recebido em dezembro 2022

Aprovado em abril de 2023